

## **PERSPECTIVA DO GÊNERO TEATRAL COMO RECURSO EDUCACIONAL PARA O TRABALHO COM A ORALIDADE**

Julia Franzon (UEL)

Manuela Serpeloni (UEL)

**Resumo:** O presente artigo é resultante da disciplina de Prática de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas da Universidade Estadual de Londrina. Trata-se de um relato sobre as experiências vividas em estágio no Colégio Manuel Bandeira, em Cambé, com a turma de nono ano. Todas as aulas basearam-se no gênero literário teatral, a partir de atividades de interpretação, adaptação e encenação do texto “Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente, a fim de trabalhar com os discentes a prática de uma escrita mais atual e compreensível, o estímulo à oralidade e desenvoltura destes, além da formação de um pensamento crítico através da interpretação e (re)contextualização da peça.

**Palavras-chave:** Teatro. Oralidade. Prática.

### **1. Introdução**

A disciplina de Práticas de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, presente no terceiro e quarto anos do curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas da Universidade Estadual de Londrina, traz a proposta do estágio obrigatório - sendo que no terceiro ano realizam-se atividades com o Ensino Fundamental II, enquanto no quarto ano tem-se o Ensino Médio. Trata-se de uma grande oportunidade de vivenciar o ambiente escolar e colocar em prática os ensinamentos teóricos recebidos na faculdade.

O estágio foi realizado no Colégio Estadual Manuel Bandeira, situado na periferia do município de Cambé-PR, entre os bairros Jardim Rian, Ana Eliza I, II e III, conjunto Avelino Vieira (de Londrina), Jardim Silvino, Jardim Rivieira e Novo Bandeirantes. Atualmente, o Colégio atende cerca de 630 alunos do Ensino Fundamental e Médio, contando com a colaboração de aproximadamente 50 profissionais da educação: professores, agentes educacionais, pedagogas e diretora.

Sob a orientação da professora Dra. Sheila Lima e supervisão da professora Rita de Cássia, as práticas foram efetuadas com a turma do nono ano A, que reunia 35 alunos. Os

encontros se davam às segundas feiras, das 8h30 às 12h30, terças e quartas-feiras, das 7h00 às 9h00 e quintas-feiras, das 8h30 às 10h30. Teve início no dia 28 de maio de 2018 e término no dia 24 de agosto de 2018, resultando numa duração de quase três meses, inclusas todas as horas de observação, participação com a professora, regência e pesquisa.

A principal proposta foi trabalhar o desenvolvimento da leitura e da oralidade dos alunos a partir do texto “Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente, visando também a encenação da peça. Assim, a linguagem foi trabalhada em três planos: oral, corporal e escrito. Neste, fez-se a adaptação e refacção das falas, a fim de torná-las mais compreensíveis e acessíveis aos alunos. No que tange à oralidade, os alunos deveriam entender a linguagem, memorizar as falas e pronunciá-las com clareza na representação do roteiro. Já no plano corporal, trabalhou-se com a expressão do corpo por meio de gestos, postura e andar, para que os alunos pudessem explorar ao máximo as personagens e experienciar, mesmo que minimamente, o plano teatral.

## **2. Fundamentação**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) pontuam que “a linguagem permeia o conhecimento e as formas de conhecer, o pensamento e as formas de pensar, a comunicação e os de modos de comunicar, [...] destaca-se pelo seu caráter criativo, contraditório, pluridimensional, múltiplo e singular” (BRASIL, 2000, p. 5). Dessa forma, usar a linguagem com propriedade é um direito do educando, pois é por meio desta que ele poderá ter domínio e acesso às informações, refletir, expressar pensamentos e opiniões e ocupar seu espaço de indivíduo político e cidadão brasileiro.

Tratando-se do ensino de Língua Portuguesa, o contato com a linguagem se dá a partir dos textos propostos em sala de aula. Seja por meio da leitura e interpretação ou da produção escrita. De início, pode parecer um trabalho simples, entretanto, como destaca Lajolo (1993), trata-se de uma atividade complexa: “Técnicas milagrosas para convívio harmonioso com o texto não existem, e as que assim se proclamam são mistificadoras, pois estabelecem uma harmonia só aparente, mantendo intato – quando já instalado – o desencontro entre leitor e texto.” (LAJOLO, 1993)

A formação do sujeito enquanto leitor é, praticamente, uma preocupação de todos os âmbitos educacionais. Contudo, a formação de leitores traz consigo a necessidade de condições favoráveis para a prática social da leitura. Bem como afirma a autora, não existem técnicas milagrosas na interação para com o texto, entretanto, alguns encaminhamentos mais tradicionais no ensino da literatura mostram-se imprescindíveis, dentre eles: *a inscrição do texto na época de sua produção*, permitindo o acesso à historicidade de forma concreta, a qual é inerente à obra de arte. *A inscrição do texto mediante os principais juízos críticos* que foram remetidos a ele, já que possibilitam ao aluno vivenciar o funcionamento da instituição literária. Além da *inscrição do texto no cotidiano do aluno*, permitindo um melhor norteamento da direção do trabalho com o texto em sala a partir das aproximações e afastamentos entre aluno e texto.

O contato com o texto deve acontecer de forma dinâmica e interativa, de modo que o aluno encontre e construa os sentidos nele presentes. Longe de uma aprendizagem mecanicista, na qual o professor atua como o grande construtor do conhecimento, o aluno constrói seus pensamentos, tendo o docente apenas como um mentor, alguém a quem pode recorrer quando preciso. Bem como apontam Rezende e Wamser (2013): “Dessa forma, consideramos que o aprendizado da língua materna pode ser mais relevante se os próprios aprendizes forem responsáveis pela construção do seu conhecimento.”

O desafio do trabalho com o texto literário foi uma realidade constantemente presente nas atividades com “Auto da Barca do Inferno”, tendo em vista fatores como o receio e, em alguns casos, a resistência dos alunos para com a literatura, a linguagem carregada de um português arcaico, o latim presente em diversas expressões, as mudanças linguísticas que percorrem a história da Língua Portuguesa, os aspectos formais próprios do gênero auto, além da novidade que a proposta de encenação trouxe.

Portanto, tendo em vista as dificuldades apresentadas, fez-se necessário estabelecer caminhos para atingir o principal objetivo do trabalho proposto: a prática da oralidade dos alunos. Ao tratar de tais caminhos, Libâneo (1992) traz a seguinte definição:

Os métodos de ensino são as ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir os objetivos do trabalho docente em relação a um conteúdo específico.

Eles regulam as formas de interação entre ensino e aprendizagem, entre o professor e os alunos, cujo resultado é a assimilação consciente dos conhecimentos e o desenvolvimento das capacidades cognoscitivas e operativas dos alunos.” (LIBANEO, 1992, p. 152).

Segundo o autor, os métodos de ensino, tendo como base um conteúdo determinado, implicam em ver as relações internas dos objetos de estudo e seus significados atribuídos socialmente. Por isso, expressam a relação de conteúdo-método.

Para se escolher e organizar o(s) método(s) de ensino é necessário corresponder a unidade objetivos-conteúdos-métodos às condições concretas das situações didáticas. Em primeiro lugar, é preciso definir os objetivos de acordo com as demandas imediatas e específicas das aulas e com os objetivos gerais da educação previstos nos planos de ensino pela escola ou pelos professores (os quais norteiam-se pelos PCN e as Diretrizes Estaduais). Em segundo, a escolha do método depende das peculiaridades de cada disciplina, buscando a melhor forma de transmitir e assimilar determinado conteúdo. Por último, deve-se considerar as características do público alvo: idade, nível de capacitação, assim como a situação individual e social dos alunos, os conhecimentos prévios e experiências de vida que eles trazem.

Sendo assim, em cada aula objetivos específicos eram traçados. E o objetivo geral – a prática da oralidade- mantinha-se. Os objetivos específicos foram: entender o Humanismo, com enfoque em Gil Vicente e suas respectivas características de produção literária; adaptar a linguagem da obra *Auto da Barca do Inferno*, a fim de torná-la mais acessível; a partir da obra, criar um paralelo com o atual cenário político da educação, estabelecendo uma reflexão; encenação da peça teatral adaptada.

E, tencionando atingir tais propósitos, trabalhou-se com as seguintes estratégias/metodologias: leitura em voz alta da obra como apresentação; leitura fragmentada para adaptação da linguagem; ensaio com os alunos, trabalhando as falas, atos e gestos para o teatro; inserção de novos personagens na obra, visando uma crítica direta ao presente contexto social e político.

### **3. Relato de experiência: o teatro como prática de leitura.**

No primeiro dia de estágio, fomos apresentadas à turma, que se mostrou entusiasmada e muito receptiva. A professora Rita revisava o conteúdo “anúncio publicitário”, os alunos participavam ativamente, enquanto fazíamos a observação da sala.

Já no segundo dia, durante a manhã toda, a turma teve uma palestra sobre educação sexual, ministrada por dois alunos de Ciências Biológicas da UEL. Por meio de dinâmicas, slides e longos diálogos, os conteúdos eram explicados e os alunos interagiam constantemente, demonstrando interesse e assimilação.

A possibilidade de tal palestra denota uma característica de grande relevância no Colégio, sua multiplicidade. Trata-se de um ambiente aberto às diversas temáticas e possibilidades que abrangem o ensino. Os alunos têm palestras a cada mês - pudemos experienciar esta, sobre educação sexual e outra sobre educação no trânsito, ministrada por policiais -. As práticas de ensino não se restringem somente ao ambiente de sala de aula e ao livro didático, mas procuram aproveitar toda a criatividade dos educandos, por meio de trabalhos artísticos em que eles desenham, pintam e escrevem; apresentações expositivas, apresentações de dança e de recitação; feiras culturais em que os alunos apresentam suas produções e conhecimentos; festas temáticas; além do uso de murais, que tomam as paredes da escola, colorindo o ambiente e expondo todas as produções aos alunos e funcionários.

A primeira regência iniciou-se com a apresentação da proposta a se trabalhar durante as semanas seguintes de aula: a encenação de “Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente. As reações foram diversas, variando entre grande entusiasmo e falatório, até semblantes fechados, seguidos de uma grande demonstração de desânimo. Para contextualizar a peça, recorreremos ao método expositivo - falamos sobre o Humanismo, dando enfoque a Gil Vicente e pontuando as principais características literárias do período e do autor.

Feito isso, as demais regências se concentraram plenamente no trabalho com o texto. Para tanto, começamos com a leitura deste em sala. Nela, alternávamos a representação dos personagens, procurando gesticular copiosamente e apontar em cada personagem e nas falas as críticas que o autor fazia à sociedade da época. Entretanto, a principal reclamação era a respeito da linguagem complexa, sendo que muitos nos interrompiam com questionamentos sobre os significados de determinadas sentenças e palavras.

Após a leitura do texto, foi determinado a cada aluno seu respectivo personagem. Entregamos o texto completo a eles, impresso. Coube a cada um fazer a leitura individual de suas falas e adaptá-las para uma linguagem mais compreensiva e atual. Passávamos de carteira em carteira auxiliando cada um, e eles também faziam um trabalho em equipe, ajudando um ao outro com a adaptação. Muitos demonstraram grande facilidade em tal adaptação, fazendo-a rapidamente e sem auxílio algum. Outros conseguiram entender o texto original e preferiram mantê-lo. Já alguns solicitaram ajuda constantemente.

Como a sala tinha 35 alunos, alguns ficariam sem personagem, portanto, juntamente com os alunos, procuramos inserir na peça o atual cenário educacional, criando novos personagens e novos diálogos para a representação de tal contexto:

Após o embarque dos cavaleiros, um grupo de professores, carregando cartazes, aproximam-se da barca do diabo.

Diabo – Olha quem vem lá! Quem são vocês?

Professores – Somos educadores.

Diabo – E como vieram parar aqui?

Professores – Estávamos em um protesto, contra a reforma da previdência, um projeto do Bode Roxo. Nos lançamos bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. Desmaiamos e acordamos aqui.

Chega o Bode Roxo.

Diabo – E lá vem mais um!

Bode Roxo – Olá amigo! (Reconhece os professores e tenta esconder o rosto).

Professores – (apontando). É ele! Ele é o motivo de tudo isso!

Bode Roxo – Eu não entendo! O motivo do que?

Professores – O motivo de estarmos aqui! Você decidiu fazer de seu mandato uma guerra contra nós. Na terra, prezando pelo seu bem-estar, esqueceu de que o futuro está na educação! Roubou e sucateou o ensino, congelou nossos salários e dificultou a aposentadoria.

Bode Roxo – Mas eu queria manter a responsabilidade fiscal...

Diabo – Pode ir entrando, aqui é o lugar dos injustos! (Dirige-se aos professores). Aos senhores, a barca que está esperando é aquela de lá (apontando para a Barca da Glória).

Anjo – Entrem! Entrem! Que esse lugar é reservado para vocês. A luta continua na terra, mas para vocês chegou ao fim.

Essa criação permitiu uma reflexão em torno do papel da Literatura e das demais artes a respeito de um posicionamento crítico. Os alunos puderam perceber, através da interpretação

e criação, o grande potencial de agente transformador e crítico que reside na arte, que através de sua linguagem demonstra uma visão de mundo e seu posicionamento.

Terminadas as adaptações e criações, começamos os ensaios. Percebendo que o espaço da sala de aula era pequeno, o pedido dos alunos era para que ensaiássemos do lado de fora. Então, os ensaios variavam entre o ambiente da quadra e do pátio. Todos os dias tivemos a colaboração, cooperação e participação de todos os alunos presentes, com o silêncio para que os colegas pronunciassem suas falas com clareza, com a paciência de aguardar a vez de cada um, com a atenção e dedicação para o exercício que estava sendo proposto a eles e realizado por eles.

Com o passar dos dias e dos ensaios, notamos uma significativa evolução dos adolescentes quanto ao desenvolvimento da habilidade de leitura em voz alta (um processo de oralização do texto escrito), memorização das falas, desenvolturas gestuais e de postura em cena, inclusive a perda da timidez de alguns. Essa atividade oral trouxe para a sala de aula um diálogo maior entre professor e aluno, bem como entre os próprios alunos, criando um ambiente propício para a aprendizagem linguística.

A interpretação de personagens corrobora também a leitura e compreensão do texto literário por todos os membros do grupo, pois cada personagem possui características distintas que precisam ser valorizadas no roteiro. Somente a análise da obra e as entrelinhas do texto permitirão ao aluno-leitor selecionar as características que julgar essenciais para o roteiro.

É importante ressaltar a mobilização de todos os funcionários do colégio Manuel Bandeira para que a turma do 9º A realizasse com sucesso cada um dos ensaios e, principalmente, a apresentação final da peça teatral (filmada pela professora Rita). Recebemos o auxílio de profissionais que se mostraram inteiramente engajados e envolvidos com a escola e os discentes, a exemplo: auxílio para a montagem e manutenção do cenário, para o uso do espaço comum nos horários das aulas de Língua Portuguesa e para a organização, que fez com que tudo se concretizasse harmonicamente.

Após o término da realização desse trabalho, nossos alunos nos convidaram para dançar a quadrilha junto com a turma e participar da Festa Junina do colégio, que aconteceu no último dia do estágio.

#### **4. Considerações finais**

Muitas vezes, na prática da docência de língua materna no Ensino Básico, apresentar leituras clássicas e canônicas para crianças e adolescentes é uma tarefa custosa. A introdução dos textos literários no processo de escolarização deveria ultrapassar as informações sobre a história de vida do autor e sobre o contexto social, político e histórico da obra (suas condições de produção), pois, do contrário, o contato direto dos alunos com o texto real acaba não acontecendo.

Com este estágio, percebemos que os educandos, ao se esforçarem na alteração das falas arcaicas do texto original para uma linguagem mais acessível a eles, puderam captar a presença das mudanças linguísticas que ocorreram na língua ao decorrer dos séculos; aprenderam um pouco sobre o período literário do Humanismo; compreenderam a história da obra humanista “Auto da Barca do Inferno”; e entenderam que os textos literários também trazem críticas que alguns autores se propunham a fazer a respeito da sociedade de determinada época.

Portanto, a classe teve a oportunidade de entrar em contato com a literatura, sendo construtora do próprio conhecimento, de maneira ativa e dinâmica, vivenciada no corpo, afastada da passividade no processo de aprendizado. Segundo Rezende e Wamser (2013, p. 18), esse método auxilia os aprendizes a acumularem experiência com valores mais significativos e operacionais, já que participam de um trabalho em que a oralidade é uma das ferramentas utilizadas no método de ensino da disciplina de Língua Portuguesa, assim como o gênero teatral.



## 5. Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Médio). Brasília: MEC, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a Escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

REZENDE, Letícia Marcondes; WAMSER, Camila Arndt. **Atividade Epilinguística e o Ensino de Língua Materna: um exercício com a conjunção mas**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, jan./jun. 2013.